



Volume 9, nº. 2
abril a junho de 1995

OrquidaRIO, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

Diretoria - Biênio 1994/96:

Presidente: Hans O. J. Frank.

Vice-Presidente: José Luiz Cardoso Rodrigues.

Diretor da Área Técnica: Carlos A.A. de Gouveia.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Tereza Cristina de Alencar Rodrigues.

Diretor da Área Administrativo Financeira: Nilson Moneró Garcia Monteiro.

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Maria da Penha K. Fagnani. Biblioteca: Maria Stella N. Borges. Tesouraria e Finanças: Peter C. Warlich. Patrimônio: Benedito Fabiano O. Aguiar.

Presidentes Anteriores:

1. Edward Kilpatrick, 1986/1987.

2. Alvaro Pessoa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

Conselho Deliberativo, 1994/96:

Presidente: Paulo Dámaso Peres

Membros: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto, Gustavo Campello Coimbra e Hélio Mauricio Bittencourt.

Revista Orquidário. Comissão Editorial:

Alvaro Pessoa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Britto Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita.

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, tamanho A-4, ou remetidos em disquete de computador, com uma cópia impressa, gravados num dos seguintes processadores de texto: Page Maker 5.0, Word 6.0, Ami Pro 3.1 e outros compatíveis com Windows, mediante consulta ao Editor.

Aceitos os trabalhos remetidos, serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que o tenha solicitado e remetido os selos para a postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Damos preferência a "slides", podendo os autores que o desejarem, mediante prévia combinação com o Editor, remeter o fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista o poder de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título Orquidário é de propriedade de OrquidaRIO e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, desenho ou fotografia, publicados sem indicação de reserva de direito autoral (©) podem ser reproduzidos, para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, aos cuidados da Secretaria Geral, para a Rua Visconde de Inhaúma 134/933, 20091-000, Rio de Janeiro, RJ. Tel. (021)233- 2314, com Helena Eyer. Fax (021) 253-5447.

PREÇOS/RATES

Filiação e Contribuição anual	1 ano	2 anos	3 anos
Contribuição de sócios	R\$25	R\$47	R\$67
Overseas Subscription Rates	1 Year	2 Years	3 Years
	US\$30.0	US\$57.0	US\$80.0
By Air Mail add US\$8.00 per Year			

Composto e diagramado na Guilda do Raio F, Rio. Fotolitos: Densicolor, Rio. Impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio.

SENGHAS, K. - *Schunkea*, um
novo gênero brasileiro.

ÉPINARDS, A. des - Híbridos,
por quê? - Final

MESQUITA, Raimundo - Uma
Promessa de Artista: Sílvia Amélia.

MENEZES, L.C. - Preservação x Computação.
Laelia purpurata var. *virginialis*.

ZAPI, Luciano - Considerações sobre
Onc. zapii e *Onc. colnagoi*

Cultivando...

Cultivo de *Phalaenopsis* - Luiz Hamilton Lima

Tratamento de podridão bacteriana em
Phalaenopsis - Roland B. Cooke

Uma nova mini *Vanda* - Waldeemar Scheliga
Pelas Livrarias

Sementeira dos sócios

Créditos de Ilustrações

CAPA L. C.
Menezes, 4ª. CAPA.

Valentim Tavares Fernandes; pags. 25, fotógrafo
não identificado; 28, Karlheinz Senghas; 30 e 31,
Sílvia Amélia; 33 e 34, L. C. Menezes; 36, Paulo
Barbosa.

Nossas Capas

A Capa chama a atenção
para uma espécie em risco de
extinção, *Cattleya granulosa* do Rio Grande do
Norte, sobre que fala L.C. Menezes, no texto
na página 32.

Em julho a ORQUIDÁRIO estará fazendo 9
anos de fundação. Por isto e para nos
presentearmos, antecipadamente, já que esta edição
estará circulando naquele mês, estamos publicando
na 4ª. CAPA uma linda *Laelia purpurata* criada e
fotografada por Valentim Tavares Fernandes,
que é referido, como um das nossas descobertas, no
texto de página 30.



Schunkea

A descoberta de um novo gênero brasileiro

Karlheinz Senghas (*)

Trad. Waldemar Scheliga



Todos os dias lemos ou ouvimos notícias que nos chegam do mundo inteiro sobre a destruição de antigos espaços onde havia vida, trazendo, como consequência, a ameaça de extermínio de espécies, animais ou vegetais. Por outro lado, como consequência de maiores facilidades de acesso, chegam, também e cada vez com maior frequência, informações sobre a descoberta de novas espécies, embora seja raro ouvir falar-se do surgimento de novos gêneros.

Algum tempo atrás recebi de Gerhard VIERLING, um dos associados do Núcleo Regional da D.O.G. em Kurpfalz (**),

para ser identificada, uma plantinha em flor. A espécie me era desconhecida. O processo de identificação inicia-se através de documentação fotográfica e do planejamento quanto à forma sob como vamos conduzir a análise floral. Essa etapa me fez abandonar a primeira e empírica classificação que eu fizera (*Macradenia*), devido a constatação da existência de características diferenciais. Além disso, a tentativa de incluí-la em outro gênero também não surtiu efeito. Parecia-me duvidoso, até mesmo, que o grupo de parentesco (subtribo), *Notyliinae*, fosse o lugar adequado para sua inclusão. As outras alternativas de inclusão, como por ex. na subtribo *Capanemiinae*, mostravam-se ainda menos recomendáveis, já que as características discordantes eram em número maior do que as condizentes. O



(**) A organização da Deutsche Orchideen Gesellschaft, difere das demais sociedades orquidófilas internacionais: ela tem um núcleo central e diversos núcleos distribuídos por cidades dos estados alemães (N.T.)

resultado dessa complicada e morosa busca foi a conclusão de que, nesse caso, estaria lidando com representante de um novo gênero. Devido à concordância na estrutura de seus órgãos reprodutivos, ou seja: detalhes da disposição do polinário, assim como o calo fendido em posição vertical, levava-me a achar que a planta deveria ser classificada como pertencente à subtribo *Notyliinae*, embora, sob outros aspectos (como a posição plana do clinândrio não que não é inflexa e com a orla lisa), não correspondesse às características marcantes desse conjunto. Pertencem à subtribo *Notyliinae*, de acordo com o nível atual de conhecimento, os gêneros *Notylia*, *Macroclinium*, *Macradenia*, *Warmingia* e *Cypholoron*. Inúmeras espécies desses cinco gêneros são cultivadas por amadores de microorquídeas. Ocorrem em regiões geográficas da América, com grande diversidade climática, desde o México até o sudeste do Brasil. A sua identificação, em princípio, causa dificuldades uma vez que não existe bibliografia, abrangente ou genérica, sobre esse grupo. Quase não se encontra ilustração de uma dessas espécies, mesmo em alentados livros sobre orquídeas. Uma primeira abordagem, com chaves sistemáticas, foi realizada pelo autor, por ocasião do seu trabalho na revisão e atualização da 3ª edição da obra de R. SCHLECHTER, "Die Orchideen". Com isso, espera-se que, pelo menos, as dúvidas quanto às denominações correspondentes aos gêneros possam ser esclarecidas.

Pesquisando a origem da planta original, fui informado que procedia do estado do Espírito Santo, no Brasil, tendo sido descoberta por Vital SCHUNK e Gerhard PFISTER, em altitude de, aproximadamente, 600 m, vegetando, como epífita, em mata rala. Atendendo a um pedido do Senhor PFISTER, que há 30 anos, de maneira abnegada, tem apoiado os meus trabalhos e estudos orquidológicos, cedendo inúmeras e extraordinárias

plantas, dei a esse novo gênero o nome de *Schunkea*. Com a denominação da espécie *vierlingii*, expresso minha gratidão a Gerhard VIERLING, a quem também devo, pela colaboração aos meus trabalhos. Foi, também, em sua estufa que a planta floriu pela primeira vez.

O fato de que esse gênero e espécie só agora tenha sido descoberto, é explicável pelo diminuto tamanho da planta e, também, pela sua ocorrência em local afastado, seu único habitat, até agora, conhecido. A planta, no entanto, mesmo sem nome vinha sendo cultivada em algumas coleções. Aguardamos, para breve, o surgimento de um fruto com sementes ferteis e, após sementeira, o surgimento de novas plantas e sua disseminação entre os cultivadores.

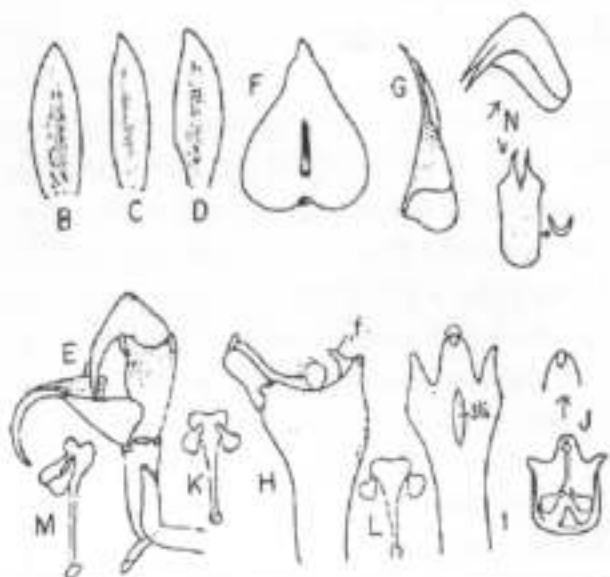
Levando em consideração a sua origem geográfica, tenho que a espécie exige cultivo em clima temperado, em meia-sombra e montada em placa. O desenvolvimento da haste floral transcorre com razoável velocidade, em pouco menos de 2 meses. A duração das flores é de 3 semanas, o bastante para o prazer de admirar o encantador colorido das mesmas.

Como novidade, *Schunkea* é um exemplo da diversidade das miniaturas e, certamente, outras aparecerão. Justamente entre as miniorquídeas devem ainda existir outros tipos desconhecidos. Com o seu tamanho diminuto e, por vezes, sua pouca atratividade por terem flores pequenas e pálidas, elas surpreendem, todavia, por sua extravagante estrutura floral, aliada a uma extraordinária posição sistemática.

(*) Dr Karlheinz Senghas
Botanischer Garten der Universität
Im Neuenheimer Feld 340
D-69120 Heidelberg
Alemanha



Schunkea vierlingii Senghas
Estrutura floral esquematizada



Análise floral de *Schunkea vierlingii* Senghas

B=Sépala dorsal; C=pétala; D=Sépalas laterais; E=Labelo com coluna, vista lateral; F=Labelo, visto de cima; G=Labelo, em corte lateral mediano; H=Coluna, vista lateral, sem antera; I=Coluna, vista frontal; J=Coluna, vista superior após retirada da antera, acima (seta) ápice do rostelo ampliado; K=Polinário, vista frontal; L=Polinário, lado reverso; M=Polinário, parte lateral; N=Antera, vista lateral, oblíqua, acima e a mesma por baixo; f=Filamento Std.=Estigma.

Nota do tradutor

Na revista "Der Palmengarten", editada pela instituição homônima, da cidade de Frankfurt, o Dr. Karlheinz Senghas divulgou a descrição original de um novo gênero de orquídea brasileira, descoberto no Estado do Espírito Santo. O Dr. Senghas é o Diretor Científico do Jardim Botânico da Universidade de Heidelberg. Ao mesmo tempo é ativo membro da Deutsche Orchideen Gesellschaft, exercendo, há 20 anos, o cargo de dirigente do Núcleo Regional de Kurpfalz, daquela sociedade, sendo,

também, assíduo colaborador da revista "DIE ORCHIDEE". Publicou, ainda, diversas obras científicas sobre orquídeas e foi um dos realizadores da 3ª edição, revista e atualizada, da obra de Schlechter "Die Orchideen". Com amável aquiêscência do Dr. Senghas, publicamos a seguir os principais trechos do referido artigo, deixando de fora a menção do Typus e a diagnose em latim, privilégio da primeira publicação na já citada revista "Die Palmengarten". Em seu lugar, reproduzimos os desenhos com a análise floral. (W.S.)

Híbridos,

Por que?

Final

Antoine des Épinards()*

Trad. Raimundo Mesquita

ENSO QUE, AO TÉRMINO DESTAS LIGEIRAS divagações sobre as motivações que levam os orquidófilos à produção e consumo de híbridos, algumas conclusões se impõem:

- As possibilidades genéticas de combinação são quase ilimitadas.

- O comércio de híbridos representa parcela expressivamente maior da atividade de negócios com orquídeas.

- Alguns híbridos se tornaram clássicos. O seu sucesso é comparável ao de algumas das espécies mais apreciadas.

- Com hibridação e com cuidadosa seleção é possível obter cores e formas que, anos atrás, seriam impensáveis.

- Em alguns casos, a floração ocorre mais de uma vez por ano, seguindo o calendário das plantas que entraram no cruzamento, o que é uma grande vantagem para os colecionadores.

Quando se estuda, por pouco que seja, como é o meu caso, a genética das orquídeas, chega-se à conclusão de que, embora existam limites e barreiras que ainda não sabemos ou não podemos superar, são muito amplas as possibilidades de combinações intra e intergenéricas, sendo exemplo disso o surgimento, a cada instante, de híbridos cada vez mais complexos e com nomes cada vez mais arrevezados.

Todos sabemos que parecem existir

barreiras genéticas que impõem limites aos cruzamentos, mas é difícil concluir se tais barreiras já foram atingidas no número de cinco que compõe os híbridos atualmente mais complexos, como é o caso, apenas para exemplificar, de *Gilmourara* (*Aerides* x *Arachnis* x *Ascocentrum* x *Euanthe* x *Vanda*), citado por Leslie Garay & Herman R. Sweet (in "Natural and Artificial Hybrid generic Names of Orchids", "The Orchids Scientific Studies" ed. by Carl L. Withner, R.E. Krieger Publish. Co. Florida, USA, 1985, pags. 485ss.) ou se a presente limitação é devida, apenas, ao nível atual de conhecimento. Certo, porém, é que, quando se atinge determinados limites, parece haver um certo afinamento do "sangue", fenômeno que é muito conhecido dos hibridadores, que costumam supera-lo pelo retorno a uma espécie, ou seja voltando a cruzar um híbrido muito complexo com uma espécie que participou do começo da linha de cruzamentos.

Enfim, híbridos por que?

Por alguns motivos que considero fundamentais:

- Porque põem em destaque uma característica do homem, que é o sentido do belo;

- porque o homem não se limita a apreciar e sentir a beleza, mas quer criá-la;

- porque ao serem produzidos em larga escala e a custo baixo, os híbridos põem a beleza ao alcance de praticamente todas as pessoas, permitindo, também, que, em torno da produção comercial se gerem riqueza, pesquisa, empregos e atividade profissional;

- embora sejam questionáveis certos dilemas (destruição de habitats versus coleta, por ex.), porque torna pouco atraente a coleta, não seletiva, de espécies nativas.

150, Rue des Aulnes.
Pointe-à-Pître
Guadeloupe

Uma Promessa de Desenhista

O mínimo que se pode esperar de uma publicação que pretenda perpetuar-se é a busca permanente de continuidade e renovação. Todos nós da OrquidaRio estamos engajados nesse propósito: manter o espaço já conquistado, investindo na busca de novos valores, que possam assegurar o nível de qualidade já atingido.

Por isto e para essa finalidade lançamos no passado concursos de fotografia e de desenho, que revelaram artistas como Valentim Tavares Fernandes (veja a última capa), Gilson Tadeu Bernadochi, Ronaldo Pangella, que, não faz muito, foi recebido, aqui, por Helena Eyer, que, entre outros papeis, executa com rara mestria o de anfitriã de novos valores, função que, no passado, exerceu o nosso Presidente, Hans Frank (lembro que foi ele que me recebeu, como sócio da OrquidaRio,

presenteando-me com meu primeiro *Catasetum*).

Por que esta introdução? Para apresentar-lhes o trabalho de uma artista nova: Silvia Amélia.

Apresento-a, com alguns desenhos seus e suas palavras:

"Cresci entre animais, plantas e desenho. Meu pai é arquiteto e minha mãe sempre desenhou muito bem. Minha infância e adolescência foram passadas em Itaipava, numa fazenda, cercada de orquídeas nativas por todos os lados.

Em 1979 montei minha primeira estufa de orquídeas, apenas com plantas nativas brasileiras e comecei a desenhar amadoristicamente as flores para ilustrar as fichas, num catálogo que fiz para minha organização. Nessa época era sócia da SBO e, com os Boletins que recebia, comecei a estudar orquídeas. Levei um susto, pois nunca pensara que fosse tão vasto o assunto.

Em 1991 me mudei para o Rio e quis me aprofundar em desenho botânico e aquarela. Comecei meus estudos no Parque Lage e procurei a Fundação Margareth Mee. Tive aulas com três antigos bolsistas, com Alexandre Justino, no Fundão, e, por fim, Cristabel King (Kew Garden - UK) no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Nesse meio tempo entrei de sócia da OrquidaRIO, que me deu a grande oportunidade de expor alguns trabalhos meus, durante a OrchiRIO 94, no MAM. Daí começaram a surgir convites para expor em outros estados e a publicação de trabalhos meus no exterior.

No final de 1994, me mudei, novamente, para Petrópolis, onde montei um atelier e comecei a estudar com Etienne Demonte, meu grande mestre e amigo.

Sem a grande ajuda de Afonso, meu marido e de Vivi e Piti, meus filhos, que têm uma paciência de Jó comigo, com minhas pinturas e meus desenhos e que, normalmente, me acompanham nas viagens para outros estados e excursões, que invento para ir de encontro de plantas no habitat, não teria conseguido chegar onde cheguei.

Sem dúvida é um trabalho árduo o que tenho pela frente e, ainda por cima.



Oncidium sarcodes Lindley

sem bolsas ou patrocínios. Mas é simplesmente apaixonante."

É sempre reconfortante lançar ou apresentar um artista, um autor, em suma um valor novo, pois isto significa que a longa cadeia que forma a tradição está aumentando seus elos.

Aí está, pois, para a contemplação e avaliação dos nossos sócios e leitores uma manifestação, nova, de arte e de visão da orquídea, por pena e pincel de Sílvia Amélia, artista que está amadurecendo como muita rapidês, na linha da ilustração e do desenho botânicos. Mas, como já escrevi uma vez, nas suas escolhas e na sua forma

de expressão trasluz, necessariamente, o seu sentimento pessoal de beleza, que para mim está claro, na sensualidade e delicadeza das formas dos *Oncidium*, das *Miltonia*, dos *Catasetum* e outras plantas, multiflorais, de flores pequenas. Esse, aliás, é um tema que ainda pretendo explorar: o temor respeitoso dos artistas iniciantes de enfrentar a beleza ostentórea da *Cattleya*, por exemplo.

Raimundo Mesquita



Zygotropis intermedium Lodd.



Miltonia cuneata Ldl.

Você sabia?...

- que, no próximo ano de 1996, quando será realizada, aqui no Rio, a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, a OrquidaRIO estará, também, completando, a 23 de julho, 10 anos de fundação?

- que, em setembro de 1996, quando se realizará a 15th WOC, Orquidário estará editando o nº 3 do seu volume 10, ou seja, completando um total de 39 edições?

- que a OrquidaRIO, juntamente com outras sociedades orquidófilas brasileiras (cujos nomes serão em breve divulgados), será a principal Sociedade Anfitriã da Conferência?

- que, para dar consistência, empresarial e legal, à realização da 15th WOC, o Comitê Organizador, seguindo o modelo das outras conferências, estimulou e promoveu a constituição de uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, que se denomina OrchiRio, Empreendimentos e Exposições Ltda., que não é uma sociedade orquidófila, mas exclusivamente especializada na montagem, executiva, de exposições, feiras e eventos, como o que vai acontecer em 1996?

- que o maior sócio quotista da OrchiRio é a OrquidaRIO?

- que as outras sociedades orquidófilas brasileiras também podem participar do capital e dos lucros da OrchiRio? Para isso, basta entrar em contato com o Diretor Alvaro Pessoa, da Diretoria Administrativo-Financeira da OrchiRIO, no endereço: Av. Pres. Vargas 583, sala 2014, 20071-000, Rio, RJ.

Preservação x Compulsão

L.C. Menezes (*)

A DEVASTAÇÃO AMBIENTAL que assola o planeta Terra, tem crescido em progressão geométrica enquanto a preservação se faz em progressão aritmética. Como responsável direto por este processo, o homem está originando a sexta extinção maciça das espécies, o que culminará com o desaparecimento de nossas florestas nos próximos 200 ou 300 anos, segundo afirmativa do ecólogo e professor inglês Robert May.

Ainda segundo o citado cientista, durante os últimos 100 anos o homem destruiu a metade das matas tropicais do planeta e é assustador constatar-se que o índice anual dos desmatamentos está situado em torno de 1,8%. Desta maneira, centenas de milhares de espécies, animais e vegetais, já desapareceram sem ser, sequer, estudadas e classificadas, embora não se possa precisar com exatidão, o número atual delas se situe, por estimativa, entre 5 e 8 milhões.

No que diz respeito às orquídeas brasileiras, excetuando-se a problemática crucial representada pelo binômio desmatamento/fogo, não se pode deixar de enfatizar a nefasta ação norteadora pelo estado compulsivo de coleta do orquidófilo.

Nesse contexto, espécies preferencialmente ornamentais tem tido seus habitats devastados através de coletas pesadas e indiscriminadas, um crime ecológico invariavelmente creditado ao comerciante ilegal de orquídeas (mateiro et caterva) Cantado em prosa e verso, o conhecido lema orquidófilo - "vamos salva-

las antes que derrubem e queimem a mata" - espelha uma realidade depredatória inconsciente do coletor inveterado.

Sou testemunha da agonia ultrajante de habitats exuberantes de orquídeas. Um processo radical, fulminante ou lento, muitas vezes imperceptível visto que a retirada das plantas é específica, ou seja, coletam-se as orquídeas, mas a mata permanece intocada, por conseguinte cegando a visão daqueles que não conhecem a sua rica biodiversidade.

Como exemplos dessa triste e revoltante realidade registro:

A - Um habitat de *Cattleya bicolor* subsp. *brasilensis* Fowl. e, outro, de *Oncidium jonesianum* var. *'binoti'*, ambos em Unai, Minas Gerais, os quais sofreram o assalto, de hordas de orquidófilos de Unai e Piracanjuba. Nada restou, a não ser o silêncio sepulcral da mata e a minha indignação.

B - O habitat de *Cattleya nobilior* var. *amaliae* Pabst na região dos Azuis, no estado de Tocantins. Coletas criminosas feitas por orquidófilos de Unai e de cidades do interior de São Paulo, praticamente dizimaram esta esplêndida variedade, conhecida por exibir as melhores flores da espécie.

C - Os habitats de *Cattleya granulosa* Lindley nas dunas de Natal, Rio Grande do Norte.

A demanda por essa raça geográfica, de características muito peculiares - flores muito grandes, de forte e variado colorido e hábito epifítico/terrestre -, aumentou

consideravelmente o número de vendedores de plantas da espécie na Feira do Alecrim, que acontece aos sábados naquela capital. Até 2 anos atrás, apenas uma senhora, assim mesmo esporadicamente, vendia plantas que, às vezes, nem comprador encontravam na feira.

Atualmente, incursões feitas por orquidófilos dos estados vizinhos (Paraíba e Pernambuco), bem como o envio de plantas (não posso precisar o fluxo) para os orquidófilos do sudeste e sul do Brasil, que parecem ter descoberto um novo eldorado de orquídeas após a conquista dos habitats de *Laelia purpurata*, *Cattleya labiata* e *Cattleya warneri*, ameaçam seriamente de extinção a espécie.

Isto sem falar na ameaça que se abate sobre as próprias dunas de Natal - protetoras do lençol aquífero que abastece a cidade -, em face do processo de terraplenagem para construção de estradas e criação de novos núcleos populacionais.

Urge que as sociedades, associações, grupos e/ou núcleos orquidófilos estabeleçam um programa de educação ambiental como prioridade máxima de suas atividades, visando a conscientizar o orquidófilo da importância de seu papel na preservação e conservação de nossas orquídeas e, conseqüentemente, da natureza. A omissão dessas entidades implica em convivência com o processo de devastação ambiental.



Legendas:

- 1) Minas Gerais
- 2)Tocantins
- 3)Rio Grande do Norte

ORQUIDÁRIO



Cattleya nobilior Amaliae. Tocantins



Cattleya bicolor. Minas Gerais



Habitat em flor de *Oncidium jonesianum*. Unai, MG.

(*) SQS 103, Bl. E, Apto 105
70342-050 Brasília - DF

Laelia purpurata virginalis L.C. Menezes var. nov.

Considerada uma variedade representada por flores completamente brancas, a *Laelia purpurata* var. *alba* Hort. dos orquidófilos brasileiros deve ter seu tratamento alterado para ser reconhecida em face das regras do Código Internacional de Nomenclatura Botânica (ICBN).

Neste caso específico, deve ser entendido que um nome previamente utilizado para registrar uma variedade, não mais poderá ser usado para batizar outra variedade da mesma espécie.

O nome '*alba*' foi usado por Veitch no passado para caracterizar uma variedade - *Laelia purpurata* var. *alba* Veitch, in *Lindenia*, Vol. VI, tab. 283 - cujas flores eram brancas com a superfície do labelo delicadamente marcada por veios róseos. Pouco importa, contudo, a alegação orquidófila baseada na premissa que o nome da variedade foi usado erroneamente, visto que as flores em questão não eram completamente brancas. Perante o Código Internacional de Nomenclatura Botânica, a variedade *alba* Veitch está sacramentada, não podendo ser alterada nem tampouco rejeitada.

Assim sendo, a alternativa viável para registrar-se e tornar válida a variedade de *Laelia purpurata* Lindl. & Paxton cujas flores são branco puro, é a criação de uma nova variedade denominada de *virginalis* nesta publicação.



Laelia purpurata virginalis L.C. Menezes var. nov.

Diagnosis:

Laelia purpurata var. *virginalis* L.C. Menezes var. nov.

Flores hujus varietatis differunt a floris typicis specieis colore tantum. Floris albis puris.

Habitat in Statu Sanctae Catharinae.

Legit L. C. Menezes. Holotypus - UB56.

Abstract

The *Laelia purpurata* var. *alba* Hort. known to Brazilian orchidists is a variety with flowers that are completely white, and so must be treated differently in order for it to be recognized under the rules of the International Code of Botanical Nomenclature (ICBN).

In this specific case, it must understood that a name previously used to register a variety cannot be used again for another variety of the same species.

Used in the past by Veitch to describe a variety, whose flowers were white with the surface of the lip delicately marked with rose-colored veins.

Therefore, the viable alternative for registering it and validating the variety of *Laelia purpurata* Lindl. & Paxton whose flowers are pure white is to create a new variety, called *virginalis* in this publication.



Laelia purpurata
alba Veitch
Lindenia VI, tab.
286

CONSIDERAÇÕES SOBRE *ONCIDIUM ZAPII* E *ONCIDIUM COLNAGOI*

Luciano Zapi (*)

Com esta palestra pretendemos tecer algumas considerações a respeito do *Oncidium zapii* e do *Oncidium colnagoi*, à luz dos conceitos que fomos desenvolvendo, ao longo de 18 anos, no manejo desses *Oncidium* em habitats.

Ambos descritos em 1976 pelo saudoso Guido PABST, são a mais recente aquisição da Seção Crispa. Em virtude de sua restrita difusão e difícil autopolinização, mesmo na habitat, foram até hoje pouco estudados, sendo as únicas referências bibliográficas: a publicação na Bradea e alguns artigos do Dr. Carlos Eduardo de Britto Pereira. Ambos *Oncidiums* são endêmicos e tem o mesmo habitat, tendo sido o *Onc. zapii* descrito como espécie pura e o *Onc. colnagoi* como híbrido natural daquele com o *Onc. forbesii*. Acreditamos que PABST tenha chegado a essa conclusão em virtude de só ter conhecido as duas únicas plantas que lhe enviamos para o Holotypus e pelo grande polimorfismo que a espécie apresenta. Trata-se, provavelmente, de uma espécie em evolução, como veremos a seguir. Cumpre salientar que os dois *Oncidiums* são muito bonitos e que o *Onc. zapii* tem características patognomônicas(*) que identificam a espécie por ser **sui generis**; o escudo vermelho-marrom aveludado, uma coleira dourada ou resquíços desta, separando o escudo da fauce e a presença de cromoplastos reinfringentes nas flores que lhes conferem um aspecto de "poeira brilhante faiscando", como na *Sophronitis rosea*.

Gostaria, ainda de salientar um aspecto interessante, que quase me induziu a um erro e que pôde ser evitado em tempo

pelo estudo populacional. Trata-se do *Oncidium zapii* var. concolor. De uma feita, achei 4 ou 5 plantas com flores concolores em um pequeno grupo e isto induziu-me ao erro. Supuz que o *Oncidium zapii* seria na realidade, todo marrom-cobre com o calo vermelho-marrom aveludado, **sem a coleira dourada**, sendo esta apanágio do *Onc. colnagoi*, passada a este híbrido pelo seu outro progenitor, *Oncidium gardneri* var. caloglossum e não *Onc. forbesii*, como supôs PABST. Assim toda flor que tivesse amarelo no labelo, seria o *Onc. colnagoi*. Isto faria total e absoluto sentido, se uma grande maioria ou a quase totalidade dos *Oncidium zapii* fosse concolor. Felizmente o estudo populacional demonstrou que temos a variedade concolor em uma proporção de 4:100 - (4%) trazendo luz ao problema e estabelecendo o conceito de que a coleira dourada, ou resquíços desta, é apanágio de *Oncidium zapii*. Note-se, contudo, que a inconstância dessa coleira íntegra (por vezes só resquíços, outras vezes inexistência), associada ao grande polimorfismo das flores como veremos a seguir, nos permite afirmar que é uma espécie em evolução.

Durante esses estudos, pudemos, ainda, observar um aspecto importante, ou seja, estar a planta em extinção. Parece que, geneticamente, a sua evolução não está conseguindo acompanhar, satisfatoriamente as mudanças no comportamento do Globo Terrestre, seja, temperatura (efeito

(*) O autor, médico, usa aqui uma palavra, comum em medicina, que significa a descrição minuciosa dos sintomas de uma doença. Dada esta explicação fica fácil entender o sentido do emprego aqui: caracteres morfológicos (N.E.)

estufa), umidade, mudança nos raios solares, que a ela chegam alterados em sua composição pela mudança da camada de Ozônio, queimadas, principalmente desmatamentos e outras causas. Observamos isto de duas formas. A primeira é a



Oncidium zapii

Foto: Paulo Barbosa

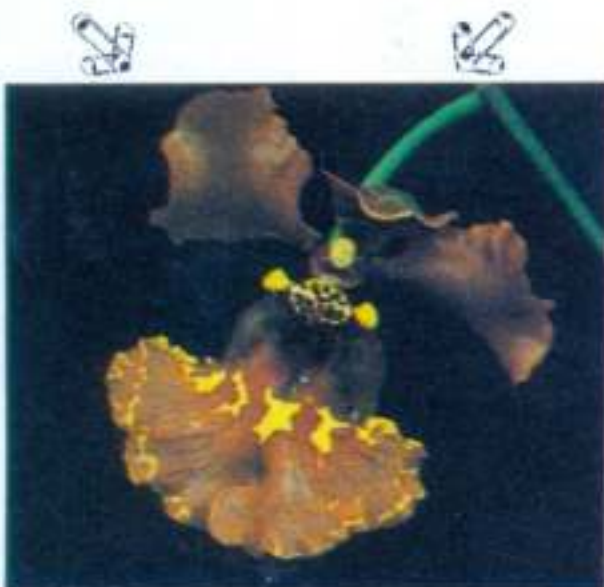
e publicou na página 72 do seu compêndio de 1982. No ano seguinte, encontrei, em outro habitat no Espírito Santo 400 km distante do primeiro em linha reta, outro *Onc. zapii* que era idêntico àquele. Como tenho memória fotográfica, chamou-me a



Oncidium gardnerii

Foto: Paulo Barbosa

observação direta dos habitats que conhecemos e manejamos constantemente há 18 anos, habitats esses, provavelmente, únicos já que a espécie é endêmica. Observa-se, nitidamente, que a densidade populacional desta espécie é **alarmantemente** menor a cada ano que passa. E descarte-se, por favor, a idéia de que esta espécie está sendo dizimada por orquidófilos inconsequentes. Só estaríamos enfiando a cabeça num buraco, como avestruzes. São mesmo as condições supra citadas que estão exterminando-a. A outra observação ocorreu por uma afortunada casualidade. Em 1982, pesquisávamos um habitat no estado do Rio de Janeiro. O Dr. Jack Fowlie, editor da revista *The Orchid Digest* (Califórnia, EUA) estava conosco quando achamos um *Onc. zapii* que ele fotografou



Oncidium x colnagoi Pabst.

Foto: Paulo Barbosa

atenção tanta semelhança e, assim, levei para casa o *Oncidium florido*. Qual não foi a minha surpresa ao verificar que o outro, do Rio de Janeiro, estava florido e era uma **réplica** fiel do que eu achara no Espírito Santo. Uma verdadeira "impressão digital". Realizadas as medidas, posicionamento e morfologia floral das manchas amarelas, bem como da coleira e dos detalhes florais de ambas as flores, concluímos que, sem a menor sombra de dúvida, se tratava do mesmo clone. Até um defeito que tinha uma, aparecia, idêntico, na outra. Isto prova que, há pelo menos um século, quando toda região que separava estes habitats era mata (agora é pasto), essa espécie era muito difundida e com abundantes populações contrastando com sua atual limitação e rarefação populacional.

Como veremos, adiante, bem como e ainda, pelo supra exposto, não temos mais dúvidas de que o *Onc. colnagoi* seja o híbrido natural do *Onc. zapii* x *Onc. gardneri* e não com *Onc. forbesii*. Devo fazer notar que o *Onc. forbesii* tem sempre **uma só folha**, enquanto o *Onc. colnagoi* tem, **sempre**, duas folhas. Pesquisando a literatura, encontrei numa publicação americana sobre o *Onc. forbesii* a alegação de que o autor tivera notícia de uma planta de *Onc. forbesii* com duas folhas, mas que ele nunca vira. Também eu tive um *Onc. colnagoi* com uma só folha e, também, já vi outro, mas ambos são exceções. Fator **decisivo**, porém, é o fato de que em nenhum dos habitats conhecidos do *Onc. zapii* existe o *Onc. forbesii*. Outro fator que reforça a tese é a enorme semelhança entre a planta

do *Onc. gardneri* var. *caloglossum* e a do *Onc. colnagoi*: hábitos, morfologia, coloração, tudo enfim, com a exceção do pseudobulbo. Uma folha de planta pequena de *Onc. gardneri* é inseparável de uma folha média ou grande de *Onc. colnagoi* se as pusermos juntas. Como última e conclusiva observação, tive duas plantas de *Onc. colnagoi* que tiveram inflorescência dupla saindo da base do pseudo-bulbo, como ocorre com *Onc. gardneri* e nunca no *Onc. forbesii*.

(*) Rua d. Bosco 130
29.375-000 - Venda Nova, ES.



Nota do Editor.

Como anunciado no número passado, estamos iniciando nesta edição a publicação de algumas das palestras proferidas no Forum que se desenvolveu em paralelo à OrchiRIO 94.

Começamos a série com um texto de Luciano Zapi, conhecido orquidófilo do Espírito Santo, que faz parte de uma geração de estudiosos de orquídeas daquele estado e que tem dado uma enorme contribuição ao desenvolvimento da orquidofilia e, até mesmo, da ciência orquidológica. Uma das características mais marcantes dessa grei de orquidófilos capixabas é o sentido de pesquisa e de responsabilidade pelo grande dom que a natureza concedeu àquele estado. Isto se vê bem em algumas afirmativas de Luciano Zapi, ao longo da sua palestra.

Lamentamos que a transcrição que acabou de ler-se nos transmita um certo sabor de incompletude. Isto se deve ao fato de que grande parte da palestra de Luciano Zapi, como de muitos outros que ofereceram seus conhecimentos e experiência naquele Forum, ser composta de numerosos slides, 41, de flores e locais de ocorrência, que ensejaram comentários adicionais do autor. Seria impossível a esta revista publicar tal número de fotos. Por outro lado, publicar o comentário, sem a correspondente foto mais das vezes tornaria o texto enfadonho e, mesmo, incompreensível. Por isto adotamos a fórmula de publicar o corpo principal do texto de palestra, devidamente editado.

Pela sua qualidade, será de muita utilidade para os apreciadores do gênero.

Raimundo Mesquita

O CULTIVO, COM SUCESSO, DE *Phalaenopsis*.

Luiz Hamilton Lima

Nas minhas frequentes conversas orquidófilas com amigos da ORQUIDÁRIO de todo o Brasil, tenho notado entre eles uma certa insegurança sobre as melhores práticas de cultivo desse popular gênero de orquídea: os magníficos *Phalaenopsis*. Essa reação é compreensível, dado a falta de informações específicas disponíveis aos orquidófilos brasileiros sobre esse gênero de orquídea asiática.

A verdade é que os *Phalaenopsis* são extremamente fáceis de cultivar com sucesso. Prova disso é a sua colocação como 'número 1' em popularidade, mesmo como planta de interior, nos Estados Unidos e no Japão.

Aquí no Brasil, a crescente popularidade e disponibilidade de híbridos modernos de *Phalaenopsis*, levaram-me a escrever este artigo para o nosso boletim Orquidário sobre as principais práticas para o cultivo, com sucesso, desse gratificante gênero de orquídeas.

A primeira prática que devemos modificar é aquela de cultivarmos os *Phalaenopsis* como estamos acostumados a cultivar as nossas conhecidas *Cattleyas*.

As grandes famílias de espécies tropicais que deram origem aos dois gêneros hortícolas, comumente agrupados como *Cattleyas* e *Phalaenopsis* provêm de regiões tropicais de climas distintos. As *Cattleyas* são originárias das regiões montanhosas dos neotrópicos americanos; já os *Phalaenopsis* provêm de regiões baixas do sudeste asiático. Consequentemente, não poderiam os *Phalaenopsis* ser cultivados com sucesso, quando submetidos às mesmas práticas de cultivo das *Cattleyas*.

Examinemos, portanto, cada um dos principais itens do bom cultivo dos *Phalaenopsis*, procurando sempre diferenciá-los das práticas usadas para as *Cattleyas*.

Luz - Os *Phalaenopsis* necessitam somente de metade da luz solar ideal ao

cultivo das *Cattleyas*. 70 a 80% de sombra é ideal, procurando-se filtrar e difundir bem a luz solar direta em todo o ambiente de cultivo, semelhante às necessidades das igualmente populares samambaias. Esta é uma das principais razões da enorme popularidade dos *Phalaenopsis*.

Temperatura - Os *Phalaenopsis* são orquídeas exclusivamente tropicais de clima quente. A faixa ideal de temperatura para o seu cultivo é de 20-30° C. Temperaturas mais quentes, de até 35° C são bem toleradas por estas orquídeas, desde que haja excelente ventilação de ar fresco. Somente durante um período de quatro a seis semanas, no outono, é que devemos submeter os *Phalaenopsis* a temperaturas mínimas noturnas mais baixas, em torno dos 15° C, para induzirmos a formação de hastes florais.

Rega - Não existe frequência universal recomendada para a rega de nenhuma orquídea cultivada em vaso. Tudo depende das condições ambientais e de cultivo às quais submetemos nossas plantas. Porém, este é um dos itens que mais diferenciam o cultivo dos *Phalaenopsis* e das *Cattleyas*. Enquanto que essas últimas precisam secar o seu substrato entre regas, os primeiros devem ser mantidos em substrato sempre levemente úmido.

Considerando que no Brasil utilizamos predominantemente o xaxim, é muito importante que este seja de ótima qualidade, bem desfibrado, sem pó, e colocado não muito apertado no vaso. Deve-se usar sempre uma camada de brita no fundo do vaso para a perfeita drenagem da água, e aeração das raízes grossas dos *Phalaenopsis*.

Utilizo e recomendo os vasos de barro de qualidade, por serem porosos, permitindo que as plantas sejam regadas com frequência. É importante que o vaso utilizado seja pequeno e raso, com altura igual a 2/3 do diâmetro, e que tenha, pelo menos, três furos grandes no fundo. Não recomendo vasos com furos laterais, muito usados para o cultivo de outras orquídeas, por secarem demasiadamente rápido.

Observadas essas regras práticas, molhe abundantemente e com frequência os seus *Phalaenopsis*, sempre bem cedo pela manhã. Assim eles estarão com as folhas (principalmente a "coroa") secas à noite, quando a temperatura cai e a umidade

relativa aumenta.

Umidade - O percentual relativo ideal para o cultivo dos *Phalaenopsis* é entre 50% e 80%. Na grande maioria das regiões do Brasil essa faixa de umidade é facilmente encontrada. Porém, no Centro-Oeste brasileiro, durante o inverno, a umidade relativa cai bastante, e aconselhamos cultivar os *Phalaenopsis* em ambientes onde existam microclimas de umidade relativa mais elevada: jardins de inverno com espelhos d'água com muitas folhagens tropicais, ou à beira de piscinas ou cascatas.

Ventilação - Este é um requisito muitas vezes negligenciado pelo orquidófilo brasileiro, mas de extrema importância no bom cultivo de qualquer gênero epífita de orquídea. A adequada ventilação, em estufa, ripado, ou mesmo dentro de casa, é fundamental para prevenir o aparecimento de doenças fúngicas e de insetos sugadores nos *Phalaenopsis*, além de evitar o acúmulo de água no encaixe central das folhas (coroa) da planta.

Fertilizante - Recentes estudos na universidade norte-americana de Cornell indicaram que plantas fertilizadas com adubos orgânicos desenvolveram-se mais saudáveis, e com menor incidência de ataque por pragas e fungos, quando comparadas com aquelas fertilizadas com adubos inorgânicos solúveis em água (1). Os fertilizantes orgânicos liberam lentamente seus nutrientes, o que os faz ideais para utilização nas orquídeas. Por isso optamos por utilizar uma antiga fórmula "caseira" de adubo orgânico à base de torta de mamona, farinha de osso, e de uma fonte de potássio, além de um bom complexo vitamínico/hormonal do tipo SuperThrive.

Seguindo as orientações acima, aliadas a um pouco de bom-senso, tenho certeza de que você, caro amigo orquidófilo, será recompensado pelos cuidados e dedicação dispensados aos seus *phalaenopsis*, com uma profusão de flores duradouras, lembrando uma revoada de borboletas coloridas num dia ensolarado de verão. Você verá!

Referência:

1- American Orchid Society Bulletin, volume 59, número 5, May 1990.

(*) Rua Vitorio Penelupi, 284.

12.242-150 - São José dos Campos, SP

TRATAMENTO DE PODRIDÃO BACTERIANA EM *PHALAENOPSIS*, COM CANELA EM PÓ?

Roland Brooks Cooke (*)

Este pequeno artigo se destina aos que, como eu, tentaram, não conseguiram, desistiram, mas ainda guardam lá no fundo uma admiração pelo gênero *Phalaenopsis*, plantas de crescimento rápido e flores espetaculares e muito duráveis. Embora eu seja cultivador de *Cattleya*, os *Phalaenopsis* exercem um fascínio muito especial.

Todos que já se aventuraram a cultivar *Phalaenopsis* no Brasil, mais cedo ou mais tarde se defrontaram com o problema da podridão de folhas, doença de origem bacteriana que virtualmente arrasa um lote de plantas, em poucas semanas. Iniciando-se como pequena mancha "aquosa" na folha, em poucos dias a doença se espalha pôr outros pontos, atingindo enfim a coroa da planta, causando sua morte. Ironicamente, a planta ainda permanece aparentemente saudável, chegando até a florir, enquanto seu miolo é destruído pela bactéria. A doença parece ser relativamente recente no Brasil, pois as publicações antigas nada falam deste assunto. Lembrome bem dos espetaculares *Phalaenopsis amabilis* e *Phal. schilleriana* que meu saudoso avô cultivava ao ar livre, plantadas nas antigas mangueiras de sua casa em Niterói. As folhas atingiam 30-40 cm, absolutamente limpas de doenças. O orquidário Porto (pai e filho) de Maricá também fez fama com suas gigantescas plantas em caixetas de madeira, com hastes da espessura de um dedo e dezenas de flores. Hoje é raridade ver um *Phalaenopsis* de porte, pois a maioria floresce duas ou três vezes, depois vem a bactéria e "faz a festa". As plantas trazidas de São Paulo e comercializadas no Rio, em no máximo um ano se contaminam, e as produzidas aqui costumam ser dizimadas já nos vasos coletivos. Desta forma, um dos gêneros mais decorativos de orquídeas (já é o gênero mais cultivado nos EUA) nunca se tornou um sucesso no Brasil, apesar do clima ideal para seu cultivo na maioria das regiões, floração numa época de escassez (primavera) e beleza.

Muitos tratamentos foram propostos, alguns com base científica, outros fruto de observações casuais. Constatou-se que a doença atingia mais as plantas expostas à

luz intensa, daí recomendou-se sombrear mais as plantas. A rega deveria ser de manhã, para permitir a secagem das folhas e ápices das plantas antes do anoitecer. Regar apenas o substrato, sem molhar as folhas... A adubação deveria conter mais potássio, para fortalecer a parede celular e dificultar a penetração da bactéria... Cultivar as plantas em caixetas, inclinadas a 45 graus... Pulverizar com Physan, Manzate, Sulfato de Cobre, Dithane, Daconil, Agromicina, Terramicina (!!!), Saprool e outros menos cotados... Surgiu até um bactericida "milagroso", usado no Japão, com embalagem inteiramente escrito em japonês (nem o preço dava para entender!), que é usado pelos produtores de São Paulo, mas que só era acessível a quem tivesse ligações com a colônia... Incinerar imediatamente toda e qualquer planta atacada (haja lenha e coração de pedra para tanto!) Algumas destas soluções são, de fato, relativamente eficazes. Digo **relativamente**, pois mesmo nos orquidários que alegam ter controlado a doença, a mesma ainda está presente, causando prejuízos. Para o orquidófilo amador, então, *Phalaenopsis* são geralmente experiências traumáticas. Na tentativa vã de salvar uma planta de estimação atacada pela doença, geralmente saem recortados e cheios de buracos as plantas e o amor-próprio...

No Boletim de fevereiro/95 (pag. 168), da American Orchid Society (AOS), na seção de consulta técnica, surgiu um novo tratamento, aparentemente aprovado nos EUA, e que pode, se funcionar pôr aqui, ser uma solução simples e barata para controlar a bacteriose (e ataque por fungos, também, inclusive em outros gêneros!). Trata-se (pasmem) de polvilhar as partes atacadas com... **canela em pó**. Isso mesmo, essa canela em pó (sem açúcar, espero), usado na cozinha. O técnico da AOS ressalta as características bactericidas e fungicidas da canela moída, além do fato de ser de fácil utilização e inofensivo à saúde. Segundo conta, as manchas atacadas param de crescer e secam em questão de dias. Até no caso de ataque à coroa das plantas, o tratamento é eficaz. Sugere ainda fazer alguns pequenos cortes no local atacado, para facilitar a penetração do pó, e molhar um pouco o local. Vindo de qualquer outra fonte, talvez fosse duvidoso, mas a AOS zela cuidadosamente pelas recomendações que fornece (não recomendam muitos dos defensivos que utili-

zamos corriqueiramente no Brasil, por não estarem oficialmente "credenciados" para uso em orquídeas).

Vale a pena tentar, e para este fim já adquiri um lote de *Phalaenopsis* (alguns já contaminados!) para teste. Oportunamente relatarei os resultados. Acredito que, na pior das hipóteses, terei um lote de *Phalaenopsis* totalmente mortos, porém cheirando a rabanada...

(*) Rua 14, nº 297 - Castelo São
Manoel
25720-000 - Corrêas
Petrópolis, RJ
Tel. (0242) 21-3514

UMA MINI VANDA MISS JOAQUIM

Waldemar Scheliga(*)

Segundo notícia que nos chega de Singapura, a Orchid Society of Southeast Asia ao realizar a sua mostra anual de 1994, apresentou uma miniatura de *Vanda* Miss Joaquim que foi a sensação da exposição e acabou ganhando uma medalha de ouro. Apresenta o mesmo colorido da "irmã mais velha", mas com flores de 2-3 cm de envergadura.

Fica evidente que também os asiáticos estão procurando miniaturizar orquídeas, já que existe cada vez menos espaço para cultivo, o que torna difícil manter gigantes *Vandas* nas coleções. O crescente cultivo de *Ascocenda* é prova disso. Agora a pequena Miss Joaquim: é, na verdade um cruzamento da famosíssima *Vanda* Miss Joaquim com *Doritis pulcherrima*, gerando, como se sabe, um intergenérico *Vandoritis*. Foi criada por How Yee Peng conhecido cultivador de Singapura.

O pequeno híbrido é robusto, requer menos luz solar e, naturalmente, ocupa pouco espaço... As flores tem a metade do tamanho de uma flor normal de *Vanda* Miss Joaquim.

Vanda Miss Joaquim é um híbrido primário, entre *Vanda hookeriana* e *Vanda teres*, encontrado, em 1893, por Miss Agnes Joaquim, no seu jardim, em Singapura. Foi, então, homenageada, pela descoberta, com a atribuição do seu nome a nova planta, que, de tão estimada, acabou sendo declarada a flor nacional de Singapura.

Singapura é grande produtora e

exportadora de flores cortadas. O cultivo de orquídeas é trabalho de pequenos produtores, geralmente mulheres, para suplementar a renda familiar. Grande parte dessa gente mora sobre água, em barcos-residência e cultivam as orquídeas em caixotes pendurados nas janelas. Mesmo os que vivem em terra firme dispõem de pouco espaço. Daí a necessidade de criar híbridos de pequeno porte, como já vem sendo feito no Havai. E, aliás, interessante lembrar que o cultivo de orquídeas em escala industrial nesta ilha, iniciou-se em 1950 com a introdução de uma dúzia de mudas de *Vanda* Miss Joaquim.

(*)Rua Alameda Saddock de Sá 133/ 401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ.

Pelas Livrarias

Um dos mais importantes sintomas a revelarem a pujança da orquidofilia brasileira de hoje é a atividade editorial em torno do assunto.

Importante, por denotar a existência de interesse na obtenção de informações escritas, como, ainda, por indicar que o potencial de leitores já é tão apreciável que justifica a edição de publicações especializadas.

Vê-se, por toda parte, sinais de ressurgimento de interesse na orquídea, cultivo, colecionamento, estudos, etc. É só observar o número de pessoas que visitam as exposições que se realizam por toda parte, estas, também, em quantidade cada vez mais expressiva e que tem público certo e grande mesmo nas cidades com muitos outros apelos de lazer. O espaço que a "mídia" dedica à orquídea é cada vez maior. A atividade comercial intensa e o número cada vez maior de comerciantes, é outro indicador importante.

Mas fiquemos na atividade editorial, já que esta é a função desta seção:



"ORCHIDS of the high Mountain Atlantic Rain Forest in Southeastern Brazil", Autores, David Miller e Richard Warren Ph.D. Fotografias de Isabel Moura Miller e desenhos de Mary Bates, Alex Nimmo Smith e, nas capas, Jenovera Searigh e Maria Tereza Reif. Salamandra Consultoria Editorial, Ltda. Rio de Janeiro, 1994. Preços especiais para sócios da Orquidário, informados pelos Autores: R\$30,00. Caixa Postal 95517, Mury, Nova Friburgo, RJ. Fax:(021) 240-4339.

Trata-se, como deixa claro o subtítulo, de um guia de campo e de orientação para amadores, que contém uma valiosa ajuda para identificação de 230 espécies de 56 gêneros existentes numa área de altitude úmida, do estado do Rio de Janeiro, na região conhecida como Macaé-de-Cima, no Município de Nova Friburgo. Naquele local, que é área de proteção ambiental, os autores conduzem um projeto de recenseamento da flora orquidácea local e de

reintrodução de orquídeas no habitat, como já deram notícia em artigos publicados no AOS Bulletin, como, ainda, em congressos e conferências (cf. os anais de um simpósio sobre conservação de orquídeas realizado em novembro de 1986, no Royal Botanic Gardens, Kew, na Inglaterra, intitulado "Orchid conservation, Cambridge Press, 1989, pag. 153 ss.).

É de lamentar que uma edição tão bem cuidada e de tanto interesse para os orquidófilos brasileiros, seja publicada, no Brasil, só em versão na língua inglesa, que nem todos leem. Isto reduz muito o interesse da publicação, no que pese a sua utilidade, visto como a parte iconográfica, fotos e desenhos, é de grande valia para a identificação das espécies tratadas, algumas delas muito cultivadas e, em não poucos

"Orquídeas Brasileiras em Foco". Fotos de Ademar Manarini, com texto de Roberto Agnes e Prefácio de Raimundo Mesquita. Rede de Arte Editores. São Paulo, 1994. 96 páginas, com ilustrações a cores. Preço não informado, nem, também, se há desconto para os sócios da ORQUIDÁRIO.

casos, mantidas em cultivo sem identificação ou identificadas erroneamente.

É um lindo album de fotografias do saudoso Ademar Manarini. Do ponto de vista gráfico não há reparos maiores a fazer, já que as fotos são da melhor qualidade e apresentadas em layout e tipografia razoáveis. O que deixa muito a desejar é a qualidade editorial do texto, sobretudo na versão em português, em que a revisão tipográfica falhou e falhou feio, no Prefácio e ao longo da obra, como é o caso na tradução do texto de Roberto Agnes, escrito em inglês, sua língua nativa. O texto não raras vezes se torna incompreensível tal a quantidade de erros, de tradução ou de revisão. Um reparo: o título, que induz a erro, vez que se trata de orquídeas **no foco**

de A. Manarini, pois não mostra só orquídeas brasileiras, que são apenas maioria entre as fotos publicadas.

"Brazilian Orchids". Sodo Publishing Co., Ltd. Tóquio, Japão. 328 pags. com 720 fotos a cores. Publicação comemorativa do centenário da amizade Brasil-Japão. Diversos autores, sob supervisão de Moriichi Kameyama.

Recebemos prospecto sobre essa publicação, cujo próximo lançamento é cercado de muita expectativa pois reúne textos de importantes especialistas brasileiros, como: Kleber Lacerda, falando sobre orquídeas da Amazonia; Francisco Miranda, traçando um "mapa" das ocorrências nas regiões costeiras, de montanha e do planalto central; Érico de Freitas Machado, sobre seu Espírito Santo; Cleber de Paula Santos, sobre *C. walkeriana* na região de Itauna, Minas Gerais; e, mais, Waldyr Endsfieldz, Akira Hirazawa e Heitor Gloeden, escrevendo, respectivamente, sobre *Sophranitis*, *L. purpurata* e mais de setenta anos de vida dedicada à orquídea.

Sementeira dos Sócios

Carta recebida da Asociación Chaqueña de Orquideología:

"Estimados amigos:

"Agregamos a la presente, fotocopia de recorte de diário local cuyo contenido habla de por sí.

En él nuestra ex socia manifiesta haber obtenido un primer premio en OrchiRio 94 en Septiembre ppdo. en exposición realizada en Rio de Janeiro. En nuestro poder vuestra revista volumen 8, número 4, Octubre/Diciembre 1994, en cuya página 82 con título "Prêmios OrchiRIO 94" no figura el premio que menciona esa señora.

Con el objeto de clarificar y que la

opinión pública local esté debidamente informada, solicitamosles nos hagan conocer cual es la realidad de este asunto.

Quedamos pendientes de vuestras noticias y hacemos propicia la oportunidad para saludarlos muy atentamente."

Luis F. Skupieñ
Presidente

Prezados amigos,

Se examinarem bem a foto publicada no jornal de que nos mandaram cópia de recorte, verificarão que há, em pé, encostado numa pasta, o Certificado de Premiação, expedido pelo Comitê Organizador da OrchiRIO 94, atestando a premiação atribuída à '*Maxillaria espegaziniana*' exibida pela Senhora Nancy Susana Degani de Martinez, aliás um belo espécime, muito bem cultivado e que ostentava cerca de 80 flores. Vê-se, ainda, naquele certificado, a fita de premiação, de 1º. lugar, da OrquidaRIO.

Para que todos possam compreender o motivo de não ter a premiação em questão aparecido no local que indicam da revista Orquidário (vol. 8 nº 4, 1994, pag 82), explicamos que naquela exposição tivemos três tipos de julgamento:

1 - Julgamento específicos da OrchiRIO 94, em que não houve a clássica distribuição de fitas de 1º, 2º e 3º lugares, mas a atribuição de trofeus. Só este foi o divulgado, por ser específico daquele evento;

2 - Julgamento de Exposição da OrquidaRIO, com atribuição de fitas para os três primeiros lugares em cada categoria, onde se localiza a premiação conferida àquela nossa sócia;

3 - Julgamento de Qualidade da American Orchid Society.

Editoria

Waldemar Scheliga, da Comissão Editorial, recebeu carta de alunos do curso de Botânica da Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, dando notícia de trabalhos que desenvolvem com orquídeas e transmitindo apelo, aos sócios que queiram e possam remeter-lhes sementes, seedlings e mudas de espécies. Oferecem, também permuta. Os interessados devem comunicar-se com:

Marco Antonio Alba Winckler
Rua Uruguai 1600/23
99010-112 - Passo Fundo, RS.

Florabela - Orquídeas

Reserva orquidófila em mata nativa recuperada

Mata artificial de Dracenas, além de orquidários convencionais

Érico de Freitas Machado

C.P.01-0841

29.001-970 - Vitória, ES. Tel.: (027) 227-6136.

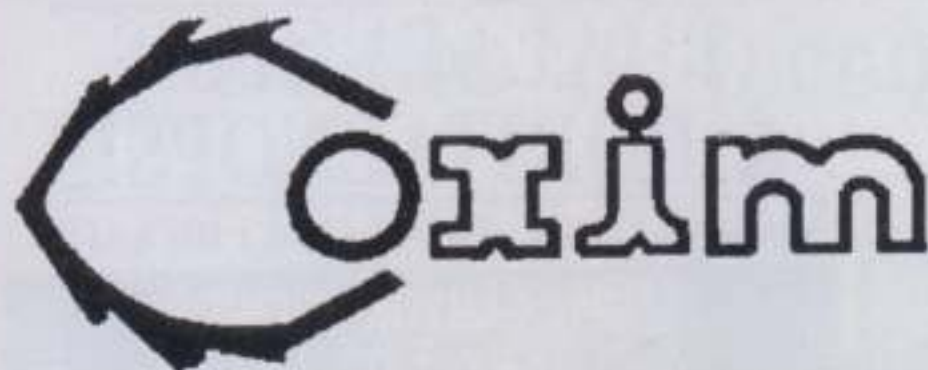
45 anos de experiência, na proteção de mais de 400 espécies nativas do Espírito Santo.

A partir de agora...
por 15 meses e 6 números de
Orquidário
este símbolo vai nos acompanhar.



**15TH WORLD ORCHID
CONFERENCE
14 TO 24 SEPTEMBER 1996
RIO DE JANEIRO = BRAZIL**

Artezanato



Substrato

rico em macro
e micronutrientes
higiênico
autoestabilizante
do pH(5,3)
duração média
de 4 anos
fácil manuseio

Representantes e Revendedores:

Rio Grande do Sul

> Hélio Marodin

(051) 225-4793

228-7507

São Paulo

> Sérgio Rondino

(011) 548-8828

Rio de Janeiro

> Ricardo Petersen

(021) 242-2602

> Maria Stela N. Borges

(021) 357-5547

Distrito Federal

> Célia Maria Torres

Cordelro

(061) 577-1722

Nordeste

> Hipermercados Bom Preço

Pernambuco

> Supermercados Superbox



Epidendrum nocturnum. Planta adulta, cultivada no
nosso substrato, Coxim. Observem o vigor e a floração.

Vendas pelo Correio

Pedidos e informações

Rua do Paissandú, 678/902

52010-000 - Derby

Recife, PE

Tel. (081) 459-1016; (081) 459-1066 R.21.



TROPICANO®

SOLICITE CATÁLOGO
TEL/FAX: (0123) 224299

Luiz Hamilton Lima
Av. São João, 1945
São José dos Campos
12242-000-SP-Brasil

PHALAENOPSIS & DORITAENOPSIS

AGENTE EXCLUSIVO NO BRASIL

ZUMA CANYON ORCHIDS
CALIFORNIA, USA



Florália®

Agora com novo FAX: (021) 625-5223
(021) 625-7275

Lista de Preços 95 DISPONÍVEL

Endereço:
Florália Orquidários Reunidos Ltda.
Estrada da Figueira, 592
Caramujo - Niterói - RJ - Brasil
CEP: 24140-210

E novo TELEFONE:
(021) 625-0800
Consulte-nos !!!

Nomes aparecem...

Nomes desaparecem...

**Orquidário Catarinense
permanece.**

Orquídeas e Bromélias

Solicitem o nosso novo catálogo ilustrado, n.º 95 que
oferece 2700 espécies e híbridos diferentes.

Alvim Seidel

Orquidário Catarinense Ltda.

Caixa Postal 1 - Rua Roberto Seidel 1906

Tel.: (0473)75 1244 Telefax.: (0473)75 1042

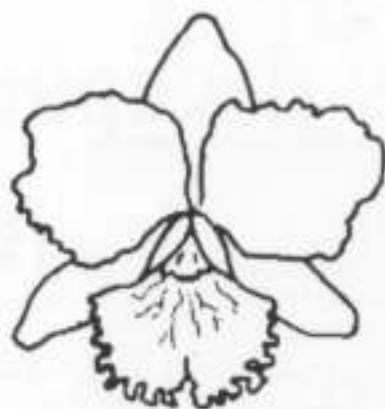
Telex 474211 Orki

89280-000 Corupá, SC

Um dos mais completos estabelecimentos no gênero.

Fundador: Roberto Seidel 1906.

ORQUIDÁRIO



LINEU ROBERT®

HÍBRIDOS - NATURAIS - MERISTEMAS
BRASIL - PERÚ - COLÔMBIA

Cattleya - Cymbidium - Paphiopedilum
Masdevallia - Phragmipedium - Dendrobium
Odontoglossum. 92 gêneros
de plantas nacionais e importadas.

HYBRIDS - SPECIES - MERICLONES
BRAZIL - PERU - COLOMBIA

92 Genera of Brazilian
orchids and other countries

WRITE FOR FREE PRICE LIST
SOLICITE NOSSA LISTA GRATUITA

ORQUIDÁRIO LINEU ROBERT

AVENIDA ÁGUA VERDE 588
CURITIBA, PR - BRASIL - CEP 80620-200
FONE: (041) 243-0566
FAX: (041) 262-6819

Solicite o nosso novo catálogo



Grupo de Paphiopedilum

**VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO DE INVERNO
de 8 a 30 de Julho**

Aranda Orquídeas
Escritório/Office
Rua Senador Dantas, 75/907
RJ. 20031-201
Brasil

Nursery
Estrada do Quebra-Frasco, s/n
Teresópolis
RJ. Brasil

Telephone: (55 21) 240 5609
Fax : (55 21) 220 6200

